plo, qual o mecanismo que preside à sua elaboração.

E' o que vamos fazer, insistindo no lapso, que é o tipo, digamos, mais simples, mais vulgar e também mais perfeito, do acto falhado: o acto falhado típico.

A' primeira vista, a explicação do lapso não é difícil. Um homem pronuncia preto em vez de branco porque a sua atenção está dispersa, ou porque está excitado; engana-se na redacção duma carta e escreve, por exemplo, 15 de Maio em vez de 15 de Março, porque está preocupado, ausente, ou até porque a palavra Março é semelhante a Maio e a semelhança gráfica e sónica destas palavras o induziu em êrro.

Perturbações circulatórias, fadiga, excitação, distracção, perturbações da atenção e outras causas correlativas podem ser invocadas para explicar os lapsos. Mas todos os lapsos? Muitas vezes, o lapso é cometido por indivíduos em que não se observam quaisquer das perturbações apontadas. Além disso, outros actos falhados, de natureza idêntica à do lapso, não podem ser explicados desta maneira simplista e quási evidente. Por exemplo: o esquècimento momentâneo dum nome que me é familiar, e que no entanto não consigo recordar, por mais que o tente, por mais que concentre a minha atenção nêsse fim. Será pois necessário procurar outro caminho.

Em primeiro lugar, analisemos o acto falhado em si mesmo. Procuraremos depois o seu mecanismo.

Para o psicanalista, o acto falhado não é um fenómeno sem importância: é um acto psíquico, e um acto psíquico completo. Como tal, o *acto falhado tem um sentido.* E' uma expressão real.

O sentido do acto falhado é por vezes tão aparente que dispensa qualquer explicação. Assim, num exemplo de Freud, uma senhora conhecida pela sua energia e autoridade, referindo-se a uma consulta médica feita por seu marido, conta: «o médico disse-lhe que não tem necessidade de regíme, que pode comer e beber de tudo *o que eu quizer.* Esta senhora exprimia bem a autoridade que tinha sôbre o marido. Evidentemente, ela queria dizer: «*o que êle quizer*»; mas não era êle que queria, era ela; tal senhora não suportava que o marido quizesse senão aquilo a que ela o autorizasse.

A expressão popular «fugir a boca para a verdade», que é senão o reconhecimento dum sentido no lapso? Vai a dizer-se uma mentira e a verdade sai-nos da bôca. Dizemos o que não queremos mas que, no entanto, é o que sentimos.

O *sentido* do acto falhado, e principalmente do lapso, é mais conhecido e mais familiar do que se julga. A favor desta afirmação, Freud invoca o uso que do lapso fazem os poetas quando querem que os seus personagens se *revelem* involuntàriamente; e exemplifica com a V cena do 1.º acto de «Wallenstein». O. Rank é ainda mais feliz exemplificando com o «Mercador de Veneza», de Shakespeare (3.º acto, cena II) em que Portia, tem de escolher à sorte um esposo: apaixonada por Bassanio, deseja que êle o saiba, mas obrigada por juramento, não lho pode dizer, travando-se no seu íntimo uma luta de que, apesar de tudo, sai vencedora mercê dum lapso, admiràvelmente concebido pelo grande poeta:

«O que vos peço é que fiqueis ainda um dia ou dois, antes de tentardes a sorte, porque se ela nos fôr